HISTORIA
DE
DONA IGNEZ
DE
CASTRO.

TRADUZIDA DO FRANCEZ.

LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.
1827.

Com Licença.

HISTORIA
DE
D. IGNEZ DE CASTRO.

Quantos encantos naõ tem huma paixaõ nascente, e como nos deixamos facilmente arrastar aos prazeres, que o amor parece prometter-nos! Mas assaz experimentamos que as suas consequencias saõ muitas vezes funestas, e que naõ basta amar para ser feliz. Todos os homens de qualquer estado que sejaõ, saõ igualmente o ludibrio da fortuna, e os corações ternos, e apaixonados estaõ ainda mais sujeitos do que os outros a experimentar os seus caprichos.

Disso se achaõ varios exemplos nos seculos passados, e o reinado de D. Affonso IV, Rei de Portu-

gal nos fornece hum dos mais tocantes.

Este Principe era filho de D. Diniz, e de Izabel, Princeza de rara virtude. D. Diniz foi taõ feliz em todas as suas emprezas, que diziaõ que nada achava impossivel: quando D. Affonso subio ao throno, foi o seu primeiro cuidado o sustentar a paz no seu Reino, e derramar nelle a abundancia.

Para esse fim concluio o matrimonio de seu filho D. Pedro, que naõ tinha entaõ mais que oito annos, com Branca, filha de D. Pedro, Rei de Castella; mas decidiose que este casamento naõ teria lugar senaõ quando este Principe chegasse aos dezasseis annos.

Naõ trouxe Branca á Côrte de Portugal mais do que enfermidades, e poucos attractivos. D. Pedro, que era cheio de doçura, e de virtude, nem por isso deixou de viver bem com ella; mas havendo sempre ido em augmento as suas molestias, desejou ella retirar-se. A ro-

gos seus, dissolveo o Papa o seu casamento, e esta desditosa Princeza foi sepultar suas desgraças em hum sitio solitario aonde se retirou. D. Affonso tratou logo de tornar a casar D. Pedro, e fez que desposasse Constança, filha de D. Joaõ Manoel, Principe do sangue de Castella, famoso pelas desavenças que teve com o seu Rei.

Havia esta Princeza sido promettida ao Rei de Castella; mas tendo este Principe faltado aos seus ajustes, naõ houve difficuldade em a dar a D. Pedro, que devia hum dia possuir hum grande Reino. Elle tinha apenas vinte e cinco annos, era o homem mais completo de toda a Hespanha, já pelas qualidades do corpo, já pelas da alma, e em tudo se mostrava digno da Corôa que lhe era destinada.

Constança tinha belleza, espirito, e grandeza d'alma; só o seu merecimento deveria fazer que D. Pedro se lhe affeiçoasse para sempre: os desvelos que elle tinha pa-

ra com ella, e os signaes de estima, e de respeito que lhe dava, teriaõ podido passar por amor entre aquelles que naõ prestassem a isso huma extrema attençaõ; mas o seu coraçaõ estava reservado para outrem.

Constança, no primeiro anno do seu matrimonio, deo á luz hum filho, que teve por nome D. Luiz, mas que morreo mal vio o dia. Tocou-a sensivelmente esta perda, porém a frieza do Principe, que ella começava a perceber, muito mais a affligio. Entregue toda a seus deveres, amava-o unicamente, e naõ tinha outro cuidado senaõ o de agradar-lhe: taõ poderosos laços que a ligavaõ taõ inteiramente a seu marido, lhe abríraõ bem cedo os olhos sobre as suas acções; mas ella naõ achou nas provas de amizade que delle recebia, esse terno amor que desejaria, e que só podia preencher hum coraçaõ taõ delicado como o seu.

Ao principio crêo ella que podia enganar-se; mas havendo-lhe o tem-

po confirmado o que receava, suspirou em segredo, e soube de tal modo encerrar a sua magoa em si mesma, que D. Pedro naõ deo por isso. Naõ guardou a mesma reserva para com Ignez de Castro, que tratava mais como sua igual do que como sua dama d'honor, e que distinguia de todas as suas companheiras pela terna amizade que lhe tinha.

Esta rapariga taõ presada pela Princeza merecia bem a preferencia de que gozava; ella era por extremo bella, sábia, discreta, e espirituosa. Amava Constança mais do que a si propria, e lhe havia disso dado as maiores provas, abandonando huma familia illustre por quem era adorada, para entregar-se inteiramente á ella, e segui-la a Portugal. Foi no seio desta virtuosa donzella que a Princeza depositou os seus primeiros desgostos, e nada omittio a amavel Ignez para consola-la.

Naõ era Constança a unica que

devia queixar-se de D. Pedro. Antes do seu divorcio com Branca, já tivera inclinaçaõ a Elvira Gonçalves, irmã de D. Alvaro Gonçalves, favorito do Rei de Portugal, e o que apenas fora mero divertimento na mocidade deste Principe, fez nella huma taõ profunda impressaõ, que o infeliz estado de Branca lhe fizera esperar que poderia hum dia desposar D. Pedro. Com secreto dissabor vio ella preencher Constança o lugar de que fora lisonjeada a sua ambiçaõ, e os encantos desta Princeza lhe fizeraõ mui cedo perder a esperança de agradar para o futuro ao seu esposo.

O ciume que disso teve, lhe fez examinar com cuidado todas as acções do Principe. Percebeo facilmente a sua frieza para com sua esposa, e suspeitou com razaõ que tinha o coraçaõ preoccupado de novos affectos. Propôz-se fortemente a contraria-los por toda a sorte de meios, assim que pudesse descobrir

qual era o seu objecto. Tinha ella hum espirito capaz de emprehender as cousas mais atrevidas, e o credito de seu irmaõ tornava-a taõ vã, que a mesma indifferença que D. Pedro lhe testemunhava, naõ era bastante para abaixar o seu orgulho.

Passava o Principe huma vida languida, e tinha tanto cuidado em occultar a causa disso, que ninguem podia penetrar cousa alguma. Os espectaculos naõ tinhaõ attractivo algum para elle, todas as conversações lhe eraõ insipidas, e naõ se recreava senaõ na solidaõ.

Esta mudança causou espanto a todos. O Rei que o amava ternamente, fez todas as instancias possiveis para que lhe abrisse a sua alma, e lhe confiasse o motivo de seus desgostos, mas naõ pôde conseguir arrancar-lhe o seu segredo.

Algum tempo depois teve a Princeza hum segundo filho, que foi chamado Fernando. D. Pedro fez hum esforço sobre si mesmo, para tomar

parte na alegria commum, de maneira que todos julgáraõ mudado o seu humor, mas naõ durou muito tempo esta falsa apparencia, e recahio brevemente na sua sombria melancolia.

Em quanto a artificiosa Elvira estava sem cessar agitada, e occupada em descobrir o seu motivo, servio-a o acaso utilmente, e hum dia em que, transportada de colera, andava errante pelos jardins do palacio de Coimbra, achou o Principe de Portugal adormecido em huma escura gruta.

Naõ pôde conter o seu enfado á vista deste amavel objecto, examinou-o com attençaõ, e percebeo (a pezar do somno em que estava sepultado) algumas lagrimas que corriaõ de seus olhos. A chamma em que ella ardia ateou-se em seu coraçaõ, e sentio renascer toda a ternura que tivera por elle. Reparou que suspirava, e depois lhe ouvio pronunciar estas palavras: « Sim, di-
» vina Ignez, antes morrerei do que

» vo-lo declare, e Constança naõ te-
» rá nada a reprehender-me. » Ficou
Elvira furiosa ao ouvir estas palavras: representou-se-lhe ao mesmo tempo Ignez de Castro com todos os seus attractivos, e naõ duvidando já que fosse ella que possuisse o coraçaõ de D. Pedro, concebeo tamanho odio a esta bella rival, como o amor que a elle tinha. A gruta aonde havia achado o Principe, naõ era sitio proprio para reflectir, nem feito para tomar huma resoluçaõ. Os seus primeiros transportes teriaõ talvez acordado D. Pedro, se naõ tivesse divisado hum papel que estava na sua maõ: apoderou-se delle, e a fim de naõ ser surprehendida lendo-o, sahio do jardim com tanto sobresalto como precipitaçaõ.

Havendo-se recolhido ao seu quarto, abrio estremecendo o fatal papel, e achou estas regras escritas pela maõ de D. Pedro.

« He em vaõ, honra sagrada,
» que excitais combates no meu
» coraçaõ. Amor, o terno amor re-

» gula o meu destino. Em vaõ o
» interesse, e a gloria pertenderiaõ
» fixa-lo. O deos certo da sua vi-
» ctoria nelle triunfa, e naõ repar-
» tirá o seu imperio. Debalde, ó sa-
» grado dever! vos oppondes: he
» inutilmente que reclamais os vos-
» sos direitos. O amor triunfa des-
» tes deveres forçados; rompe os
» nós que naõ formou, e nenhum
» mortal está a salvo de suas settas
» fataes; eu sinto os seus golpes
» crueis; abrazo-me, desfaleço, te-
» nho o coraçaõ despedaçado, mas
» a minha desesperaçaõ me he ca-
» ra.

» Bella Constança, a quem he
» devida a minha fé, perdoai ao
» destino que me arrasta; a elle
» só he que se deve criminar, se
» o meu coraçaõ vos he infiel. Eu
» sou vencido a meu pesar. He vos-
» sa a minha vida; com a minha
» maõ vo-la dei, mas naõ tenho
» imperio sobre os meus desejos. »

Elvira reconheceo a letra de D. Pedro, e vendo a infeliz parte que

Constança tinha no que acabava de lêr, naõ pôz dúvida nenhuma em procurar meio para que ella o soubesse: mas a fim de naõ ser suspeita, naõ quiz apparecer; e como desejava que Constança soubesse que naõ só o Principe a naõ amava, mas que amava Ignez de Castro, fez escrever as regras seguintes por huma desconhecida maõ seguidamente ao que D. Pedro havia escrito.

« O somno trahio este desdito-
» so amante : amarguradas lagri-
» mas inundavaõ o seu rosto; a sua
» lingua imprudente declarou o seu
» segredo: as suas expressões, fieis
» interpretes do seu coraçaõ, bem
» deixaõ vêr que nelle triunfa a ima-
» gem de Ignez. »

Elvira naõ tratou de escrever isto com precisaõ, nem graça, pois nada mais desejava senaõ produzir o effeito que dahi esperava.

Ella tinha tamanha impaciencia de fazer vêr o que escrevêra, que naõ pôde esperar até ao outro

dia. Foi immediatamente ao palacio. Constança passeava entaõ pelos jardins. Elvira atravessou o aposento da Princeza, sem achar nenhum obstaculo até ao seu gabinete, e metteo o papel em hum livro que Constança andava lendo. Sahio em fim sem ser vista, mui satisfeita por haver taõ bem sahido da sua empreza.

Assim que Constança esteve de volta, entrou no seu gabinete, e avistou o seu livro aberto com o papel que devia causar tamanha desordem na sua alma. Immediatamente reconheceo huma letra, que lhe era taõ familiar. Vindo a saber aquillo que sempre havia receado, descobrio ao mesmo tempo que quem era a funesta causa, era Ignez de Castro, cuja amizade podia unicamente adoçar, e suavisar as suas penas. O desejo que tinha de achar que seus olhos a enganavaõ, lhe fez lêr varias vezes este fatal papel; por fim ficando demasiado convencida da sua desgraça, sentio ainda

mais dôr do que colera. Enterneceo-a a violencia que o Principe se fizera para occultar a paixaõ que o devorava. Constança gemeo sobre as suas proprias desgraças sem condemnar D. Pedro. A ternura que tinha por este Principe lhe fez derramar huma torrente de lagrimas, e lhe inspirou a resoluçaõ de reconcentrar a sua magoa dentro em si mesma. Ella tinha huma virtude taõ pouco commum, que teria executado o seu designio; mas o Principe (que acordando percebêra que havia perdido o seu papel, e que receava que fizessem máo uso delle) entrou no palacio com muita inquietaçaõ. Foi promptamente ao aposento de Constança, a qual achou desfeita em lagrimas, avistou no mesmo instante aquelle malfadado papel, que seu coraçaõ havia dictado, e que acabava de chegar ás mãos da Princeza.

Desmaiou a esta vista, e pareceo taõ agitado, que a generosa Constança sentio por isso a mais

viva pena. Senhora, lhe diz elle com voz balbuciente, donde vos veio esse papel? Naõ pôde vir, respondeo Constança, senaõ de algum inimigo do vosso repouso, e do meu. He obra da vossa maõ, e certamente o sentimento do vosso coraçaõ; mas naõ vos sobresalteis: por quanto, se a ternura que por vós sinto me faz olhar a vossa infidelidade como hum crime, esta mesma ternura, que nada he capaz de alterar, me impedirá que me queixe.

A moderaçaõ, e prudencia de Constança naõ servíraõ senaõ de tornar o Principe mais confuso, e mais embaraçado. Quanto sois generosa, Senhora, replicou elle, e quanto sou infeliz! Acompanháraõ algumas lagrimas estas palavras, e a Princeza, que o amava apaixonadamente, ficou de tal fórma tocada do seu estado, que estiveraõ muito tempo hum, e outro sem poder preferir huma palavra. Constança rompeo em fim o silencio, e lhe fez vêr o que Elvira fizera es-

crever. Vós sois trahido, proseguio ella, fostes ouvido, e está descoberto o vosso segredo. Foraõ estas palavras hum golpe de raio para o Principe, todas as suas forças o abandonáraõ, e a sua situaçaõ era digna de piedade. Elle naõ podia perdoar-se o crime involuntario que havia commettido, expondo a amavel, e innocente Ignez; e posto que naõ duvidasse da generosidade de Constança, o receio que tinha de que os seus sentimentos comprometessem a sabedoria, e virtude daquella joven, venceo neste momento toda, e qualquer consideraçaõ.

A Princeza que o observava com o maior cuidado, percebeo sobre o seu rosto, e nos seus olhos os indicios de huma tamanha desesperaçaõ, que lhe fez temer as consequencias, e offerecendo-lhe a maõ da maneira a mais terna: « Principe, lhe disse, prometto-vos que » naõ me queixarei mais de vós, » e que Ignez me será sempre ca-

» ra: nunca mais me ouvireis fa-
» zer-vos reprehensões algumas, e
» já que naõ posso possuir o vosso
» coraçaõ, farei consistir toda a
» minha ventura em tratar ao me-
» nos de tornar-me digna delle. »
D. Pedro ainda mais envergonhado, e mais afflicto do que d'antes estava, arrojou-se aos pés de Constança, beijando a bella maõ que ella lhe déra, e esqueceo talvez Ignez por hum momento.

Mas brevemente recobrou o amor todos os seus direitos. A fatal estrella que presidia ao destino de D. Pedro naõ havia ainda esgotado toda a sua malignidade, e hum momento da presença de Ignez deo huma nova força á sua paixaõ.

Os desejos desta amavel joven naõ tinhaõ parte alguma nesta victoria: seus olhos naõ eraõ culpados, posto que feitos para inspirarem amor, e naõ procuravaõ nos do Principe o que estes desejavaõ perceber nella.

Como Ignez se afastava raras

vezes de Constança, ainda bem naõ havia D. Pedro sahido do gabinete, entrou nelle, e achando a Princeza pallida, e abatida, naõ duvidou que tivesse algum motivo de desgosto. Pôz-se na mesma atitude em que estivera o Principe havia hum momento, e patenteando-lhe huma inquietaçaõ cheia do interesse que tomava no que lhe dava pena: Senhora, lhe diz, eu vos rogo, pelo muito que me haveis sempre obsequiado, que me naõ occulteis o motivo da desordem em que vos vejo. Ah! Ignez, respondeo Constança, que he o que quereis saber, e que poderei eu dizer-vos? O Principe, minha querida amiga, o Principe está enamorado. A maõ que me deo naõ era hum presente do seu coraçaõ. Eu sou victima de huma alliança formada pelo interesse. Que! o Principe ama! replicou Ignez com huma surpreza misturada de indignaçaõ: que belleza póde disputar-vos o imperio sobre hum coraçaõ que

por tantos titulos vos he devido? Ah! Senhora, todo o respeito que lhe devo naõ póde vedar-me o murmurar contra elle. Naõ o accuseis de nada, interrompeo Constança, elle faz o que póde, e eu lhe estou mais obrigada pelo desejo que tem de me ser fiel do que se possuisse o seu coraçaõ? Naõ basta combater, he necessario vencer, e elle faz mais no estado em que se acha, do que eu naturalmente devia esperar delle. Em fim he meu esposo, possue todas as qualidades que pódem tornar hum Principe perfeito, e nada lhe falta senaõ o ter-me o amor que eu naõ posso inspirar-lhe. Este sentimento ter-mehia tornado demasiado feliz. Ah! Senhora, exclamou Ignez com transporte, he preciso que o Principe seja cégo para naõ conhecer o preço do bem que possue. Elle conhece sem dúvida attractivos superiores aos meus, tornou a Princeza com hum ar de modestia. Mas, Senhora, replicou Ignez, poder-se-

hia achar huma mulher naõ só em Portugal, mas até em toda a Hespanha que possa ser comvosco comparada? E sem tratar dos vossos encantos, póde alguem fartar-se de admirar as qualidades da vossa alma? Minha cara Ignez, interrompeo a Princeza suspirando, aquella que me rouba o coraçaõ do meu esposo, tem encantos de sobejo para torna-la desculpavel, pois que és tu de quem a sorte se servio para me dirigir este golpe: sim, Ignez, o Principe te ama, e os agrados, e virtudes que te conheço, põem limites aos meus queixumes, e me prohibem que me deixe guiar pelo minimo resentimento.

A encantadora Ignez ficou immovel. O raio te-la-hia menos surprehendido, e magoado do que o discurso da Princeza. Ella ficou algum tempo sem poder fallar, e fixando em fim hum terrivel olhar sobre Constança: Que dizeis vós, Senhora, exclamou? O que! seria

eu capaz de trahir-vos! eu, que vim para junto de vós com tanto empenho a fim de contribuir para a vossa felicidade, seria pelo contrario a causa de todas as desgraças que devem envenenar o resto de vossos dias! Quanto me he odiosa esta belleza, pois que vos he taõ fatal, a pesar do pouco cuidado que tenho em faze-la apparecer! Quanto detesto o malfadado dia em que vi o Principe pela primeira vez! Mas, Senhora, naõ sou eu quem o Ceo destinou para perturbar o vosso repouso, e elle naõ me odeia tanto que me faça passar por hum tamanho lance: se eu fosse essa infeliz rival, naõ ha castigo a que eu mesma me naõ condemnasse. De Elvira he que o Principe está apaixonado; elle a amava já antes de ser vosso, mesmo antes do seu divorcio com Branca. Ter-vos-haõ sem dúvida feito huma infiel relaçaõ desta intriga da sua mocidade. Mas, Senhora, depois do laço sagrado que o une a vós, de certo

naõ ama ninguem mais. He verdade, respondeo a Princeza, que D. Pedro vos ama, e tenho assaz boa opiniaõ de mim para crêr, que nenhuma outra senaõ vós poderia disputar-me o seu coraçaõ. Além disso o segredo está descoberto, e elle naõ o negou. Como? interrompeo Ignez mais maravilhada que nunca, foi pois elle mesmo que vos descobrio a sua fraqueza! A Princeza mostrou-lhe entaõ o papel que a havia instruido. Nada póde igualar-se á desesperaçaõ que esta vista produzio em Ignez. Em quanto ambas estavaõ assim tristemente occupadas em suspirar, e chorar, a impaciente Elvira que desejava ardentemente saber o effeito que havia produzido a sua perversidade, tornou ao quarto da Princeza, aonde entrou livremente: foi direita ao gabinete aonde estavaõ aquellas duas infelizes: no delirio, e affliçaõ em que estavaõ, cobríraõ-se de pejo á sua chegada, confusas por serem surprehendidas naquelle mo-

mento. Elvira teve o barbaro prazer de vêr Constança esconder-lhe aquelle papel que acabava de ser a causa da sua afflicçaõ, e que ella naõ expuzera á vista da Princeza senaõ para saciar o seu odio, e a sua vingança. Vio tambem com prazer nos olhos de Constança, e nos de Ignez huma dôr excessiva. Demorou-se no gabinete tanto tempo quanto lhe era necessario para poder certificar-se de que havia conseguido os seus fins; mas a Princeza que naõ queria ter huma testemunha da perturbaçaõ em que entaõ se achava, rogou que a deixassem só. Elvira sahio pois do gabinete, e Ignez de Castro retirou-se ao mesmo tempo.

Quando Ignez se vio no seu quarto, e reflectio com mais liberdade naquelle horrendo successo, achou a morte preferivel á sua situaçaõ. Ella amava Constança verdadeiramente, e naõ havia até alli sentido pelo Principe senaõ estima, e admiraçaõ. Ninguem com effeito

podia negar-lhe huma, e outra. Julgou-se a mais infeliz de todas as mulheres, visto que causava as desgraças de huma Princeza, a quem devia tanto por todas as bondades que lhe havia testemunhado; passou a noite inteira em pranto, e gemidos, e a sua dôr só por si seria capaz de vingar Constança de todos os males que ella lhe fazia soffrer.

Por outro lado o Principe naõ estava mais tranquillo. A generosidade da Princeza augmentava os seus remorsos sem diminuir o seu amor. Elle receava com razaõ, que os mesmos que haviaõ dado aquelle papel a Constança, descobrissem a sua paixaõ ao Rei; naõ esperava que lha perdoasse, e teria de bom grado dado a vida para naõ se vêr reduzido a esta extremidade.

Em quanto D. Pedro se achava entregue a este mortal desassocego, definhava-se a Princeza de afflicçaõ. Naõ achava naquelles que

eraõ a causa de suas desgraças, senaõ objectos mais proprios para excitar a sua ternura do que a sua colera. Nem todo o seu ciume pôde jámais destruir a inclinaçaõ que tinha para amar a sua rival, bem como o amor que tinha ao Principe, e naõ experimentou nunca odio, nem mesmo indifferença para com a innocente Ignez.

Em quanto estas tres desgraçadas pessoas se abandonavaõ ao seu desgosto, Elvira, para naõ deixar imperfeita a sua vingança, procurou os meios de torna-la completa. Como julgava com razaõ que o Rei naõ approvaria o amor de D. Pedro a D. Ignez de Castro, descobrio-o a D. Alvaro, seu irmaõ. Tinha ella tanta maior razaõ para contar com elle, que este lhe mostrava muita amizade, e naõ ignorava que o Principe a havia amado. A paixaõ secreta que D. Alvaro sentia por Ignez, fez-lhe tomar hum grandissimo interesse nesta novidade: o cuidado que elle tivera na

sua fortuna, lhe havia impedido até entaõ o descobrir-lha, e esperava que o seu favor junto do Rei lhe obtivesse dignidades, que tornassem mais agradavel a offerta do seu coraçaõ.

Naõ fez hum mysterio a sua irmã daquella paixaõ, que era com effeito difficil esconder-lhe. Foi para ella huma nova pena o achar Ignez soberana de todos os corações, sobre os quaes só ella queria reinar. D. Alvaro era hum desses homens ambiciosos, cuja violencia nada póde suspender, imperioso, cruel, sem generosidade, de hum humor sombrio, e melancolico, e que para conseguir os seus fins, nada achava difficil, nem illegitimo. Jámais elle fora affeiçoado ao Principe. Receava que a reputaçaõ de que gozava D. Pedro lhe adquirisse demasiada influencia no espirito do Rei, e puzesse limites ao seu favor. Assim qúe soube que o Principe era seu rival, augmentou-se o seu odio com o seu ciume. Pedio

energicamente a Elvira, que empregasse todos os seus cuidados em contrariar huma paixaõ, que naõ podia senaõ ser-lhes nociva a ambos. Assim lho prometteo, mas elle naõ teve lugar para ser satisfeito de haver confiado nella.

D. Alvaro, que muito bem conhecia os encantos, e graças do Principe de Portugal, naõ tinha outras vistas mais do que combate-las, e procurar deprimir o seu merito, tanto mais que a natureza lhe havia recusado os seus dons.

A sua figura era taõ desagradavel como o seu caracter, e D. Pedro possuia todas as qualidades do corpo, e do espirito. Em fim tinha tudo quanto faltava a D. Alvaro. Mas como era esposo de Constança, e dependia de hum pai absoluto, e que além disso D. Alvaro era livre, e senhor de immensos bens, naõ duvidou este ultimo que levaria a palma ao Principe junto de Ignez, e fundou toda a sua esperança sobre estas circunstancias.

Elle bem sabia que a paixaõ de D. Pedro irritaria muitissimo o Rei contra elle; e como era industrioso em fazer mal, foi o seu primeiro cuidado levar-lhe essa desagradavel noticia. Depois de haver deixado tempo ao Rei de acalmar a sua dôr, e de ficar elle mesmo mais tranquillo, supplicou ao Rei, que se dignasse interessar-se na sua paixaõ, e protege-la.

Posto que D. Alvaro naõ tivesse para com o Rei outro merito mais do que huma céga obediencia a todas as suas ordens, com tudo havia recebido delle grandes favores, e a alta jerarquia a que se achava elevado, lhe dava direito a pertender a alliança das Senhoras da mais alta qualidade. Ratificou-lhe ò Rei de novo a sua protecçaõ, e prometteo-lhe que se tivesse algum poder sobre a encantadora Ignez, jámais ella seria de outrem.

D. Alvaro que sabia a arte de governar o espirito de seu Senhor, respondeo a estes ultimos obsequios

do Rei com os signaes do mais profundo respeito. Naõ tinha elle ainda descoberto a sua paixaõ a Ignez, mas julgou que devia entaõ fazerlhe huma declaraçaõ pública, e tratou de procurar os meios para esse fim.

Principiou a galantaria a sahir do esquecimento em que parecia jazer havia muito tempo em Coimbra. O Rei para agradar a D. Alvaro ordenou, com o pretexto de divertir Constança, divertimentos públicos, e quiz que cada dia fosse assignalado por espectaculos magnificos.

Desde o fatal dia em que o papel de D. Pedro fora descoberto, fazia este todos os esforços para se constranger, e para occultar a sua paixaõ, que lhe fazia experimentar os maiores tormentos. Naõ era sem huma pena extrema, que elle se preparava para o torneio. Como naõ podia apparecer com as insignias de Ignez, tomou as de Constança sem divisa, e com pouca magnificencia.

D. Alvaro adornou-se com as insignias de Ignez, e esta amavel dama, que naõ havia experimentado conforto algum depois da fatal confidencia que a Princeza lhe fizera, teve mais este novo motivo de desgosto.

Appareceo D. Pedro na lide com huma graça admiravel, e D. Alvaro, que suppunha este dia o mais interessante da sua vida, apresentou-se todo resplandecente de oiro semeado de pedras preciosas de côr azul, que era a de Ignez. Toda a sua equipagem era de veludo azul, sobre a qual se viaõ corações inflammados bordados de oiro. Tinha tambem redes, que designavaõ os laços do amor crivados de huma grande quantidade de A I enlaçados, que eraõ as primeiras letras do seu nome, e do da sua amada. A sua divisa era hum Amor sahindo de huma nuvem, e por baixo estavaõ escritas estas palavras:

« O Amor, semelhante ao Deos » do dia, sahe de huma nuvem,

» desen olve a sua gloria ao uni-
» verso, para fixar as suas vistas
» sobre olhos encantadores, e fa-
» zer-lhes conhecer que ao seu po-
» der devem o enternecer os cora-
» ções. »

O orgulho de D. Alvaro foi bem depressa abatido aos pés do Principe de Portugal, que o derrubou por terra assim como a outros vinte; elle ganhou toda a vantagem, e toda a gloria deste dia. Houve á noite em casa de Constança huma assembléa de tudo quanto havia de mais nobre na Côrte, aonde naõ compareceria Ignez, se a Princeza naõ lho houvesse expressamente ordenado. Foi pois lá com hum vestido mui singelo, mas naõ obstante appareceo com huma belleza allucinadora. Com despreso vio que D. Alvaro trazia o seu nome, e as suas côres em hum espectaculo público. Se o seu coraçaõ fosse capaz de algumas ternas impressões, nunca o fora por hum homem tal como elle. Lançou sobre este temerario

huns olhos cheios de desdem, que naõ o impedíraõ de se chegar a ella de taõ perto, que foi obrigada a escutar o que tinha a dizer-lhe.

Naõ o recebeo Ignez de huma maneira incivil, mas a frieza que lhe mostrou teria desanimado a todo aquelle que naõ fosse D. Alvaro. « Senhora, lhe disse elle, (quan» do lhe pareceo que naõ podia mais » ninguem ouvi-lo senaõ ella) te» nho-vos occultado até aqui o amor » que me haveis inspirado, pelo re» ceio que tinha de desagradar-vos ; » mas a violencia da minha paixaõ » rompeo todos os limites do res» peito que eu me havia prescripto, » e naõ posso por mais tempo en» cobrir-vo-la. » Eu nunca examinei as vossas acções, lhe respondeo Ignez com indifferença ; mas se haveis pensado que me offendieis fallando-me no vosso amor, fizestes mal em descobrir-mo. Essa frieza naõ póde ser senaõ de hum terrivel presagio para mim, replicou D. Alvaro, e se hoje naõ haveis percebi-

do a minha paixaõ para comvosco, muito temo que jámais a approveis.

Que tempo escolhestes vós para patentear-ma? proseguio Ignez; tamanha honra he para mim que tenhais tanto empenho em instruirdes disso o universo? Pensais vós que eu seja taõ avida de gloria, que tenha precisaõ do brilho de vossas acções para a adquirir? Se tinheis essa idéa, o que se passou no torneio deve te-la destruido, e se credes que seja a vaidade quem me faça estimular, naõ fareis hum grande progresso em huma alma que naõ ama a vergonha, nem o opprobrio. Quando mesmo houvesseis alcançado a victoria que o Principe ganhou hoje, deverieis sempre convir que he temeraria a vossa conducta, e naõ he possivel, sem offender huma pessoa tal como eu, esperar commove-la com acções emprehendidas sem sua licença, e que naõ provaõ respeito algum para com ella.

D. Alvaro era demasiadamente orgulhoso para ouvir sem colera o que Ignez acabava de dizer-lhe; mas como temia desagradar-lhe, escondeo-lhe o seu resentimento, e reflectindo sobre o que ella dissera ácerca do triunfo de D. Pedro, redobrou-se o ciume que já tinha delle. Se naõ fui vencedor no torneio, replicou elle, nem por isso sou menos amoroso, ainda que vencido, nem menos capaz de desempenho em outras occasiões.

Neste momento foraõ interrompidos. Depois desse dia D. Alvaro, que havia vencido as primeiras difficuldades, naõ se conteve mais no respeito que costumava guardar, e continuamente perseguia Ignez; mas posto que fosse protegido pelo Rei, nem por isso ella mais o attendia. Durante esse tempo ignorava sempre D. Pedro por que meio o papel que perdêra no jardim, havia chegado ás mãos de Constança. Como a Princeza lhe havia mostrado muita indulgencia, só Ignez

he que lhe dava cuidado; o amor de D. Alvaro, que era entaõ assaz conhecido por todo o mundo, augmentava a sua magoa, e se elle possuisse a authoridade, naõ teria soffrido que Ignez estivesse exposta ás perseguições de hum taõ indigno rival. Naõ estava tambem menos espantado do aviso que o Rei tivera da sua paixaõ, mas naõ pensava de modo algum em Elvira, e naõ temia nenhuma consequencia do seu resentimento.

Entre tanto a irmã de D. Alvaro, que ardia por naõ comprometter Ignez, contra a qual desenvolvia toda a sua raiva, naõ se fartava de urdir novas tramas com seu irmaõ, assegurando-lhe que, posto que naõ tivessem prova alguma de que Ignez correspondesse ao amor do Principe, era todavia ella a causa de todos os desgostos de Constança, e que se esta chegasse a morrer, casaria D. Pedro com Ignez. Finalmente soube accender o ciume de D. Alvaro até tal ponto, que

elle foi immediatamente procurar o Rei, a quem descobrio tudo quanto sabia da paixaõ do Principe. Deolhe parte ao mesmo tempo das suas conjecturas, e teve o prazer de vêr que conseguíra os seus fins, pela colera que excitou no coraçaõ do Rei. Meu querido Alvaro, lhe diz Affonso, quero que esposeis incessantemente essa belleza taõ perigosa, e que o vosso casamento com ella segure o vosso, e meu repouso. Se eu vos tenho protegido em todas as occasiões, imaginai quanto poderá fazer-me emprehender hum serviço de tamanha importancia para mim. Em vossas mãos deposito toda a minha authoridade, vós podereis dispôr de todas as forças do meu Estado, se alcançais fazer-vos senhor do destino de Ignez.

D. Alvaro contente, e ufano pelas bondades de seu Soberano, pôz em prática todo o poder que elle acabava de conferir-lhe: mas como amava Ignez apaixonadamente, naõ quiz logo empregar a vio-

lencia, e resolveo valer-se de todos os meios possiveis para ganha-la por boas maneiras. Tencionava com tudo recorrer á força, se ella persistisse sempre na indifferença que lhe mostrava.

Ignez por outro lado (importunada pelas assiduidades de D. Alvaro, desesperada pela dôr de Constança, e talvez tornando-se sensivel por aquella que causava ao Principe de Portugal) tomou huma resoluçaõ digna da sua virtude. Por mais amavel que fosse D. Pedro, naõ via nelle mais do que o esposo de Constança, que lhe era cara. Longe de fazer nenhum esforço para augmentar o imperio que ella tinha no seu coraçaõ, naõ pensou senaõ em ausentar-se de Coimbra. A paixaõ de D. Alvaro, que naõ tencionava favorecer, servio-lhe de pretexto. Além do que, era a isso èxcitada pelo receio que tinha de causar hum rompimento total entre o Principe, e a Prinçeza. Foi pois procurar Constança com hu-

ma perturbaçaõ, que naõ pôde esconder-lhe por mais que o desejasse.

Percebeo-a facilmente a Princeza, e naõ havendo a sua reciproca desgraça alterado em nada a sua terna amizade: Que tendes, Ignez? lhe diz a Princeza com a sua ordinaria doçura, e que nova desventura causa essa tristeza que diviso nos vossos olhos? Senhora, lhe diz Ignez derramando huma torrente de lagrimas, as obrigações que vos devo, e a amizade que me liga a vós, me põem em huma cruel alternativa. Eu fazia consistir a dita da minha vida em passa-la junto de vós, mas he preciso que eu fuja para qualquer outra parte do mundo, a fim de esconder huns falsos encantos que naõ me causaõ senaõ desgostos. Para obter para esse fim a precisa licença, he que eu me arrojo aos vossos pés, respeitando-vos como minha Ama, e minha Soberana.

Ficou Constança taõ surprehen-

dida, e taõ commovida pela proposiçaõ de Ignez, que perdeo o uso da palavra durante alguns momentos. Sinceras lagrimas exprimíraõ os seus primeiros sentimentos, e depois de have-las abundantemente derramado, querendo dar á amavel, e afflicta Ignez huma nova prova da sua ternura, contemplou-a com hum ar consternado, e dando-lhe a maõ da maneira a mais obsequiosa, exclamou suspirando: Abandonar-me-heis pois, minha querida Ignez, e expôr-me-heis á magoa de nunca mais vos vêr? Ai! Senhora, interrompeo esta amavel Dama, poupai á infeliz Ignez huma bondade, que naõ faz senaõ augmentar as suas desgraças. Naõ sou eu, Senhora, que desejo abandonar-vos; he a minha razaõ, e o meu dever que regulaõ o meu destino, e nada poderia fazer-me separar de vós, se a isso me naõ visse absolutamente forçada. Naõ ignoro o que se passa em Coimbra, e seria complice da injustiça que se commetteria, se

aqui permanecesse por mais tempo. Ah! eu conheço a vossa virtude, diz Constança, e podeis ficar aqui com toda a segurança. Eu serei vossa protectora, e succeda o que vos succeder, nunca vos accusarei. Vós naõ podeis responder pelos acontecimentos, replicou tristemente Ignez, e eu me reputarei sempre criminosa, se a minha presença faz nascer sentimentos que naõ sejaõ innocentes. Além disso, Senhora, as impertinencias de D. Alvaro me saõ insupportaveis, e posto que eu naõ sinta senaõ aversaõ á sua pessoa, depois que o Rei apoia a sua temeridade, e que lhe proporciona toda, e qualquer empreza, a minha fuga he absolutamente necessaria. Com tudo, Senhora, a pesar do odio que elle me inspira, juro pelo Ceo, que se eu pudesse curar o Principe, esposando D. Alvaro, naõ hesitaria hum momento, e a consolaçaõ que acharia em sacrificar-me pela minha Princeza, me faria supportar a minha

pena sem murmurar. Mas ainda quando eu fosse mulher de D. Alvaro, D. Pedro me olharia sempre com os mesmos olhos. Naõ vejo pois nada mais conveniente para mim do que ir esconder-me em algum distante retiro, aonde, posto que de certo viverei sem nenhum prazer, terei ao menos a consolaçaõ de consolidar desse modo o socego da minha querida Ama. Todas as vossas razões, respondeo Constança, naõ pódem obrigar-me a approvar o vosso designio. Poderá a vossa ausencia restituir-me o coraçaõ de D. Pedro? Naõ vos seguirá elle por toda a parte? A sua dôr he tambem minha, e a minha vida está ligada á sua. Naõ o reduzais pois á desesperaçaõ, se me tendes alguma amizade; eu vos conheço; ainda huma vez vo-lo digo, por maior que possa ser o vosso poder sobre o coraçaõ do Principe, naõ soffrerei que vós nos abandoneis.

Ainda que Ignez pensasse conhecer perfeitamente Constança,

naõ esperava experimentar tanta grandeza d'alma da sua parte. Achou-se por isso menos desditosa, e o Principe mais criminoso.

Ó sabedoria! ó bondade sem exemplo! exclamou ella, porque naõ vos concede o cruel destino tudo quanto mereceis? Vós sois senhora de todas as minhas acções, continuou ella beijando a maõ de Constança, eu me sujeitarei a tudo o que ordenardes. Mas pezai bem as razões que devem aconselhar-vos nas medidas que me obrigais a tomar.

D. Pedro, que naõ havia ainda visto a Princeza em todo o dia, veio ao seu aposento, e achando-as ambas extremamente perturbadas, perguntou-lhes a causa com huma viva impaciencia. Principe, respondeo Constança, Ignez demasiadamente sábia, e escrupulosa, teme os effeitos da sua belleza, e naõ quer permanecer por mais tempo em Coimbra. Era sobre este assumpto, que naõ póde ser-me agra-

davel, que ella me pedia o meu parecer. Desmaiou o Principe a este discurso, e mostrando huma dôr ainda maior do que a que ellas tinhaõ: Ignez, diz elle com voz tremula, naõ póde errar seguindo os vossos conselhos, Senhora, e eu vos deixo em plena liberdade de lhos dar. Sahio immediatamente; e a Princeza, que ternamente o amava, naõ podendo occultar a sua afflicçaõ: Minha cara Ignez, lhe diz, ainda quando a minha ventura naõ dependesse do prazer de viver comvosco, deseja-lo-hia por amor de D. Pedro. He a unica vantagem que póde esperar o seu desgraçado amor; e naõ teria todo o mundo razaõ para me tratar de barbara, se contribuisse para priva-lo della? Mas a minha vista será sempre hum veneno para elle, replicou Ignez, e que seria de mim, minha Princeze, se depois da reserva que elle tem guardado até agora, viesse pôr cumulo ás minhas magoas, rompendo o silencio para fallar-me no

seu amor? Vós o escutareis seguramente, lhe diz Constança, sem o pôr em desesperaçaõ, e eu accrescentaria esta obrigaçaõ a todas aquellas que já vos devo. Quereis pois, Senhora, que eu espere esses successos que temo, replicou Ignez, pois bem . . . obedecer-vos-hei; mas oxalá que o justo Ceo, proseguio ella, se elles se tornarem funestos, naõ puna hum coraçaõ innocente. Assim acabáraõ a sua conversa. Retirou-se Ignez para o seu quarto, mas naõ ficou em hum estado mais tranquillo.

Muita agitaçaõ causou a D. Pedro o projecto de Ignez. Quizera antes naõ ter nunca amado, e desejou a morte; mas naõ cabia no seu poder o mudar as ordens do destino, e por mais que se resolvesse a supportar a ausencia de Ignez, era mui forte a sua ternura para poder em tal consentir.

Depois de haver por muito tempo combatido comsigo mesmo, determinou-se a fazer o que naõ que-

ria permittir a Ignez. O seu valor reprehendia a ociosidade, na qual passava os mais bellos annos da sua vida. Representou pois ao Rei, que seus Alliados, e mesmo o Principe D. Joaõ Manoel, seu sogro, se achavaõ implicados em negocios, que exigiaõ a sua presença na fronteira; e obteve facilmente licença para fazer esta viagem, á qual a Princeza naõ se oppôz.

Vio-o Ignez partir sem pena alguma, ainda que naõ lhe era desaffeiçoada. D. Alvaro principiou de novo as suas importunações, e a perseguio abertamente. Naõ esqueceo nada para commover a insensivel Ignez, e naõ empregou por muito tempo senaõ as armas do amor. Mas vendo que a sua submissaõ, e o seu respeito lhe eraõ inuteis, resolveo servir-se dos meios os mais violentos.

Como o Rei tinha huma inteira contemplaçaõ para com todos os seus conselhos, naõ lhe foi difficil fazelo approvar os seus intentos. Quei-

xou-se da ingratidaõ de Ignez, e pôz tudo em prática para persuadi-lo de que ella naõ provinha senaõ da paixaõ que Ignez tinha pelo Principe. Tendo este discurso excitado a colera do Rei, repetiolhe este todas as promessas que lhe havia feito.

D. Affonso naõ tinha ainda fallado a Ignez a favor de D. Alvaro, e naõ duvidando que a sua approvaçaõ vencesse todos os obstaculos, aproveitou a primeira occasiaõ que teve de conversar com ella para lhe fallar nisso. Eu creio, lhe diz elle, que D. Alvaro tem assaz merecimento para ter obtido algum quinhaõ da vossa estima, e naõ julgo que seja necessario que vos falle em seu abono. Bem sei quanto vós valeis, mas naõ ha nada nelle que possa faze-lo indigno de vós; e quando tiverdes reflectido sobre a escolha que a minha amizade fez delle entre todos os Grandes da minha Côrte, far-lhe-heis a mesma justiça. As suas circunstancias saõ

as mais brilhantes, pois sou seu protector. Tem nobreza, honra, e coragem; adora-vos, e parece-me que todos estes motivos devem bastar para vencer a vossa altivez.

Estava Ignez taõ pouco disposta a dar o seu coraçaõ a D. Alvaro, que tudo quanto o Rei de Portugal acabava de dizer-lhe, naõ produzio nenhum effeito em seu favor. Quando D. Alvaro, respondeo ella, naõ tivesse merecimento algum, os obsequios com que Vossa Magestade se apraz de honra-lo, lhe daõ bastante realce para o fazerem conseguir tudo quanto quizer emprehender, e se eu naõ correspondo aos seus desejos, naõ he porque lhe ache algum defeito; mas, Senhor, com que injusto poder quererieis vós que eu o amasse, se o Ceo naõ me deo hum coraçaõ terno? E porque pertenderieis que me sujeitasse a elle, se nada no mundo me he mais caro do que a minha liberdade? Vós naõ estais taõ livre, nem taõ insensivel

como o dizeis, respondeo o Rei afogueado de colera, e se o vosso coraçaõ naõ estivesse occupado de outro objecto, teria D. Alvaro occasiaõ de esperar correspondencia da vossa parte: mas, proseguio elle com furor, mulher imprudente, e audaz, que pertenções tendes ao coraçaõ de D. Pedro? Tenho até agora occultado o desgosto que me causaõ a sua fraqueza, e a vossa; mas ainda que o naõ désse a conhecer, nem por isso era menos violento; e já que me forçais a faze-lo patente, tende a certeza de que quando meu filho naõ tivesse desposado Constança, nunca seria vosso. Renunciai pois a essas quimeras, se quereis cura-lo, e justificar-vos.

A animosa Ignez foi apenas senhora dos seus primeiros movimentos ao ouvir este discurso taõ cheio de despreso; mas chamando a virtude em seu auxilio, a razaõ lhe deo forças para tornar a si da perturbaçaõ em que estava, e fazendo

reflexaõ, que o insulto que o Rei acabava de fazer-lhe, naõ provinha senaõ da sua cegueira, e da sua predilecçaõ pelo seu favorito, naõ conservou disso nenhum resentimento. Seus bellos olhos estavaõ animados com hum fogo taõ doce, e ao mesmo tempo taõ nobre, que patenteavaõ a pureza de seus sentimentos, e fitando-os com firmeza sobre o Rei: Se o Principe D. Pedro tem fraquezas, lhe diz ella oom ar desdenhoso, nunca mas fez conhecer, e estou bem certa de naõ haver jámais para isso contribuido; mas para mostrar-vos o pouco caso que faço das vossas injustas suspeitas, e para pôr a salvo a minha gloria, viverei longe de vós, e de tudo quanto vos pertence. Sim, Senhor, deixarei Coimbra com prazer; e a respeito desse favorito que vôs he taõ caro, accrescentou com huma nobre altivez, cuja força toda o Rei sentio, desse favorito taõ digno de possuir a affeiçaõ de hum grande Principe, certifico-

vos que em qualquer parte do mundo que a fortuna me colloque, naõ guardarei delle a minima lembrança. A estas palavras fez huma profunda reverencia, e se afastou taõ promptamente da presença do Rei, que elle naõ poderia oppôr-se-lhe, ainda que o quizesse.

Ficou o Rei mais persuadido que nunca de que Ignez favorecia a paixaõ de D. Pedro. Foi immediatamente procurar Constança para participar-lhe as suas idéas, mas ella naõ era susceptivel de receber taes impressões, e seguindo a sua natural inclinaçaõ, defendeo-a com muita generosidade. O Rei, que teria querido inspirar-lhe os sentimentos de indigançaõ que tinha para com Ignez, ficou escandalisado por vê-la taõ prevenida a favor da sua rival, e lhe lançou em rosto a sua demasiada doçura; foi depois ter com D. Alvaro. A sua colera augmentou a raiva no favorito: este ultimo ficou na maior desesperaçaõ, sabendo que a tentati-

va que seu Amo acabava de fazer, naõ havia produzido effeito algum a seu favor: Zomba pois de mim essa orgulhosa mulher, disse elle ao Rei, e despreza a honra que a vossa bondade lhe offerece! Que naõ possa eu resistir a huma paixaõ taõ fatal? Mas amo-a a meu pesar, e naõ posso extinguir a chamma que me consome.

Havia pouco mais, ou menos tres mezes que D. Pedro estava ausente, quando D. Alvaro emprehendeo roubar Ignez: posto que a moderaçaõ daquelle Principe lhe fosse conhecida, sempre temia a sua presença, e naõ queria esperar a volta de hum rival, com o qual naõ desejava ter desavença alguma.

Huma noite em que a desditosa Ignez accumulada de seus ordinarios cuidados, esperava em vaõ o somno, sente bulha, e vê entrar no seu quarto huns homens que lhe eraõ desconhecidos. As suas medidas estavaõ taõ bem tomadas, que

a arrebatáraõ do palacio, e tendo-a mettido em huma carruagem fechada, a conduzíraõ fóra de Coimbra sem acharem obstaculo algum. Ella naõ sabia de quem devia queixar-se, nem de quem poderia suspeitar. Parecia-lhe D. Alvaro mui poderoso para procurar satisfazer-se por aquelle meio, e tinha mui boa opiniaõ do Principe para accusa-lo de semelhante attentado. Em fim, por mais que fizesse, foi obrigada a ceder á sua má fortuna. Os raptores fizeraõ tamanha diligencia, que se acháraõ mui longe da Cidade antes do raiar da aurora.

Apenas appareceo o dia, lançou ella os olhos sobre todos os que a cercavaõ, e nem hum só conheceo. Vendo que os seus arrebatadores eraõ surdos a seus rogos, e aos seus gritos, implorou o soccorro do Ceo, e deixou-se conduzir.

Em quanto Ignez estava assim attenuada de dôr, incerta do seu destino, avistou huma multidaõ de

hómens a cavallo, que se avançava para a carruagem que a conduzia. Os seus raptores naõ a evitáraõ, suppondo que era D. Alvaro; mas assim que se acháraõ mais proximos, percebêraõ que era o Principe de Portugal que vinha á testa delles, e que sem prever a occasiaõ que se offerecia de servir Ignez, voltava para Coimbra com ella na idéa, depois de haver acabado a expediçaõ que lhe fora confiada.

Ignez, que naõ o esperava, mudou entaõ de opiniaõ, e naõ duvidou mais que fosse D. Pedro quem a fizera arrebatar. Sois vós, Principe, lhe diz ella, que me haveis separado da Princeza? Partiria este tremendo golpe de huma maõ que lhe he taõ cara? Que fareis de huma pessoa malfadada, que naõ deseja senaõ a morte? Mancharieis vós a gloria da vossa vida com hum artificio indigno de vós? Este discurso naõ produzio menos surpreza no Principe, do que a vista de Ignez lhe havia causado. Comprehendeo

pelo que ella acabava de dizer-lhe, a violencia que lhe faziaõ, e entrando ao mesmo tempo em hum accesso de furor, fez-lhe perceber por hum só olhar, que naõ era o indigno author da sua desgraça. Arrebatar-vos-hia eu, respondeo elle, do pé de Constança, cuja consolaçaõ toda vós sois? Que opiniaõ fazeis de D. Pedro? Naõ, Senhora, ainda que me vedes aqui, sou innocente da violencia que vos tem sido feita, e naõ ha nada que eu naõ emprehenda para impedi-la. No mesmo instante virou-se para o lado dos seus raptores, a fim de reconhece-los, mas a sua presença já os havia dissipado. Ordenou pois a alguns de seus criados, que os perseguissem, e prendessem, a fim de poder descobrir por que ordem haviaõ commettido aquelle attentado.

Durante este tempo naõ estava Ignez menos confusa do que antes. Dava parabens á sua sorte, que lhe deparava o Principe em hum momento em que se lhe tornava taõ

necessario. Exultava por ter sahido de hum perigo que lhe parecia inevitavel; mas esta alegria era perturbada pela reflexaõ que fazia sobre ser seu libertador o seu proprio amante, e hum amante digno de toda a sua gratidaõ, mas que devia o seu coraçaõ á mais amavel Princeza do mundo.

Em quanto os criados do Principe estavaõ occupados em perseguir os raptores de Ignez, tinha elle ficado quasi só com ella, e posto que tivesse sempre resolvido evitar hum taõ perigoso momento, naõ pôde a sua firmeza resistir a huma occasiaõ taõ favoravel. Senhora, lhe diz elle, como he possivel que homens destinados a obedecer-me, hajaõ sido capazes de vos offenderem? Jámais pensaria eu que tivesse de vingar huma injúria tal; mas já que o Ceo permittio que vo-la fizessem, primeiro morrerei do que deixa-la impune. Principe, respondeo Ignez, a quem este discurso causava ainda mais pena do

que a empreza de D. Alvaro, aquelles que faltáraõ ao respeito á Princeza, e a vós, naõ saõ obrigados a terem-no para comigo; eu naõ duvido que seja D. Alvaro o author deste attentado, e sei o que devo temer delle por tudo o que as suas impertinencias me fizeraõ já soffrer. Elle tem segura a protecçaõ do Rei, e fa-lo-ha complice do seu crime; mas o Ceo vos conduzio aqui felizmente para mim, e fico-vos devedora pela liberdade que me haveis restituido, da ventura igualmente de servir ainda a Princeza. A vossa gratidaõ, e amizade, respondeo o Principe, vos ligaõ a Constança, e o meu destino me une a vós para sempre.

A modesta Ignez, que receava este discurso tanto como a desgraça que acabava de evitar, naõ lhe respondeo senaõ abaixando os olhos, e o Principe que percebeo a commoçaõ em que ella estava, deixou-a para ir fallar com as suas guardas. Nesse mesmo momento con-

duziaõ hum dos criados de D. Alvaro. A confissaõ deste prisioneiro descobrio-lhe a verdade. D. Pedro perdoou-lhe, naõ julgando dever punir qualquer que obedecia a hum homem, a quem a fraqueza de seu Pai havia tornado poderosissimo.

Leváraõ depois Ignez para Coimbra, aonde a sua aventura começava a fazer grande bulha. A Princeza estava desesperada, e julgou ao principio que era huma consequencia do designio que Ignez tivera de se retirar; mas tendo-lhe dito algumas suas aias que ella fora arrebatada por força, foi queixar-se disso ao Rei, que naõ lhe deo importancia alguma.

Senhora, lhe diz elle, deixai que essa belleza fatal se afaste de vós. He ella quem vos usurpa o coraçaõ de D. Pedro; naõ vos afflijais pela sua ausencia, e agradecei-a antes ao Ceo, e a mim.

A generosa Princeza tomou o partido de Ignez com a maior firmeza, e estava ainda occupada em

advogar a sua defeza, quando chegou o Principe a Coimbra.

O primeiro objecto que ferio os olhos do Principe, foi D. Alvaro. Nesse momento atravessava elle hum dos pateos do palacio, rodeado de huma multidaõ de Cortezãos, a quem o seu valimento junto do Rei attrahia ao seu sequito. Esta vista excitou o furor de D. Pedro, mas a do Principe, e de Ignez causou em D. Alvaro outra especie de emoçaõ. Facilmente adivinhou, que fora D. Pedro quem transtornára o seu projecto. Se se deixasse guiar por todo o seu furor, produziria este os mais funestos effeitos.

D. Alvaro, lhe diz o Principe, he pois assim que usais da authoridade que vos deo o Rei meu Pai? Foi só para commettér as acções as mais infames, que fostes condecorado com os mais eminentes empregos? E naõ vos servis da authoridade que vos he confiada, senaõ para roubar Ignez? Ignorais

quanto a Princeza se interessa em tudo o que respeita áquella dama, e naõ sabeis a ternura, e estimaçaõ que lhe professo? Naõ, respondeo D. Alvaro com insolencia, naõ o ignoro, e bem sei o interesse que o vosso coraçaõ lhe dedica. Como és fraco, e perfido, respondeo o Principe, nem o favor de que tanto tens abusado, nem a tua audacia me impediriaõ de te punir, se fosses digno da minha colera: mas ha outros meios de abaixar o teu orgulho; e naõ conviria empregar armas taes como as minhas na vil tarefa de castigar hum escravo tal como tu.

Partio D. Pedro depois de haver dito estas palavras, e deixou D. Alvaro em hum furor inexplicavel. A desesperaçaõ que sentia por vêr mallograda huma empreza que julgava taõ certa, e o desprezo que o Principe lhe havia mostrado, lhe fez tomar a resoluçaõ de sacrificar tudo á sua vingança.

Posto que o Rei amasse seu fi-

lho, estava taõ prevenido contra a sua paixaõ, que naõ pôde perdoar-lhe o que elle fizera, e condemnou-o por este ultimo acto de justiça, que acabava de praticar livrando Ignez, como se isso tivesse sido o maior dos crimes.

Elvira, a quem a doçura da esperança havia por alguns momentos lisonjeado, vio com sensivel desgosto o regresso de Ignez, que naõ lhe permittio mais de pensar senaõ em imitar seu irmaõ.

O Principe vio em fim o Rei; mas em vez de ser por elle recebido com a alegria devida ao proveito da sua viagem, pareceo-lhe desgostoso, e agitado. Depois de feitos os primeiros preambulos, e de lhe haver circunstanciadamente relatado tudo quanto fizera, fallou-lhe D. Pedro da violencia que fora commettida contra Ignez de Castro, e queixou-se disso em nome da Princeza, e no seu mesmo.

Deveis guardar silencio sobre este negocio, replicou o Rei, e o

motivo que vos faz fallar, he taõ vergonhoso, que me faz suspirar, e envergonhar por vós. Acaso vos toca o queixar-vos, se essa rapariga, cuja presença me he importuna, se acha ausente daqui? Mas, Senhor, interrompeo o Principe, que necessidade havia de empregar a força, o artificio, e as trevas, quando a minima de vossas ordens teria sido sufficiente? Ignez vos teria obedecido com gosto, e se permanece em Coimbra, he talvez contra sua vontade. Mas em fim, Senhor, Constança está offendida, e se naõ fora o receio de desagradar-vos, unico capaz de conter-me, naõ ficaria impune o arrebatador. Como sois feliz, tornou o Rei com despresador sorriso, de empregardes o nome de Constança para favorecer o interesse que o vosso coraçaõ toma em Ignez! Julgais sem dúvida que o ignoro, e que essa infeliz Princeza vê com indifferença a injúria que lhe fazeis? Naõ me falleis mais em Ignez, accres-

centou em tom severo, contentai-vos com o perdaõ que vos concedo quanto ao passado, e lembrai-vos da consideraçaõ que tenho para com D. Alvaro, quando formardes projectos contra elle. Está bem, Senhor, replicou o Principe com altivez, naõ vos fallarei mais em Ignez, mas naõ soffreremos Constança, e eu, que ella se torne a achar exposta aos insultos do vosso favorito. Esteve o Rei a ponto de se abandonar ao furor que lhe inspirou este discurso, mas hum resto de prudencia ainda o conteve. Retirai-vos, disse a D. Pedro, lembrai-vos do meu poder, e do que me deveis.

Em quanto durava aquella conversaçaõ, recebia Ignez da Princeza, e de todas as Damas da Côrte, grandes demonstrações de alegria, e de ternura. Constança vio tambem D. Pedro com os maiores signaes de satisfaçaõ, e bem longe de parecer escandalisada pelo que elle fizera por amor de Ignez, an-

tes em particular lho agradeceo, e sempre se lhe mostrou a mesma, a pesar do ciume que procuravaõ inspirar-lhe.

D. Alvaro que achava em sua irmã huma maldade, que a tornava digna da sua confiança, naõ lhe occultou a colera que sentia. Elvira depois de haver feito inuteis esforços para socega-lo, e para riscar Ignez da sua lembrança, vio que o seu mal era incuravel; fez-lhe comprehender, que em quanto Constança naõ fosse zelosa, naõ teria elle esperança alguma; que se ella pudesse hum dia suspeitar que Ignez correspondia ao Principe, naõ deixaria de abandona-la, e que seria facil ter essa satisfaçaõ, pois que o Principe naõ era taõ altivo senaõ pela indulgencia de Constança. Com este conselho, prometteo-lhe Elvira servi-lo efficazmente, e naõ carecendo de ninguem senaõ de si mesma para commetter delictos, recommendou a D. Alvaro que manejasse bem o Rei. Quatro annos

se haviaõ passado neste estado de desordem, e de afflicçaõ, e a Princeza além do seu primeiro filho que morrêra, e Fernando que vivia, tinha dado á luz duas filhas.

Alguns dias depois do regresso de D. Pedro, Elvira, que era mui habil na arte de bem conduzir hum máo negocio, ganhou huma das damas de Constança. Começou primeiro por lisonjea-la, depois encheo-a de presentes, e achando nella hum caracter taõ inclinado ao crime como o seu, resolveo immediatamente servir-se do seu prestimo.

Assim que pôde bem fiar-se nesta mulher, compôz huma carta, que fez depois copiar por maõ desconhecida; deo-lha para entrega-la a Constança na primeira occasiaõ que achasse, dizendo-lhe que Ignez a havia deixado cahir. Esta carta continha pouco mais, ou menos o que se segue.

Motivos de que vos instruirei me obrigaõ a servir-me de huma maõ

estranha. Quanto sou feliz por ter chegado a vencer os vossos escrupulos! e que de felicidade naõ acharei na ventura que espero! Toda a minha vida empregarei em protestar-vos a sinceridade do meu amor. Lembrai-vos, eu vos rogo, da entrevista secreta que vos pedi. Eu naõ ouso fallar-vos em público. Deixai que vos peça por tudo quanto tenho soffrido, que me concedais o favor de ir esta noite ao sitio que ajustámos, e de me naõ fallardes mais em Constança. Ella deve contentar-se com a minha estima, pois que o meu coraçaõ naõ póde ser senaõ vosso.

A infiel dama executou exactissimamente as ordens de Elvira, e no dia seguinte, vendo sahir Ignez do aposento da Princeza, levou a carta a Constança, que pegou nella, e achou o que estava bem longe de imaginar. A ternura jámais produzio huma dôr mais viva do que a que experimentou: Ah! saõ pois ambos culpados, disse ella suspirando, e quando o

meu coraçaõ quer tomar a sua defeza, condemna-os a minha razaõ! Infeliz Princeza, alvo dos caprichos da sorte! que naõ possas tu morrer, já que naõ tens assaz animo para vingares a tua honra ultrajada.

Oh! D. Pedro! para que me haveis dado a vossa maõ sem o vosso coraçaõ! E tu, ingrata, naõ nasceste pois senaõ para fazeres a desgraça da minha vida, e para seres talvez a unica causa da minha morte. Depois de se haver entregado por alguns momentos á sua desesperaçaõ, chamou a criada que viera trazer-lhe a carta, ordenou-lhe que naõ fallasse nisso, e que naõ soffresse, que ninguem entrasse no seu quarto.

Constança reflectio entaõ com mais liberdade sobre a conducta de D. Pedro, e sobre a infiel Ignez, que a trahíra. Em quanto a sua alma estava assim entregue aos mais acerbos desgostos, ainda procurava desculpa-los, e estava prompta

a fazer tudo por D. Pedro; a final tomou a resoluçaõ de naõ se queixar delle.

Brevemente foi Elvira informada do que se havia passado, bem como da magoa em que a Princeza estava abysmada; do que concebeo as maiores esperanças.

Ignez, bem longe de prever esta tempestade, tornou ao pé de Constança, e sabendo que estava indisposta, passou o resto do dia á porta de seu quarto, a fim de estar mais no alcance de saber noticias da sua saude, mas naõ a deixavaõ entrar. Esta prohibiçaõ surprehendeo-a, e perturbou-a extremamente; o Principe teve a mesma sorte, e ficou maravilhado de naõ ser exceptuado de huma tal ordem.

No dia seguinte appareceo Constança, porém taõ mudada, que naõ era difficil conhecer-se que padecêra. Ignez estava impacientissima por se chegar a ella, e a Princeza naõ podia deixar de chorar. Esti-

veraõ caladas durante algum tempo. Constança attribuio o silencio de Ignez aos remorsos que a atormentavaõ. Esta desditosa naõ podendo guarda-lo por mais tempo: Senhora, exclamou, he possivel que dous dias tenhaõ podido privar-me de toda a bondade que tinheis para comigo? Que fiz eu, e porque me castigais? A Princeza lançou sobre ella hum olhar languido, e naõ lhe respondeo senaõ com suspiros. Ignez offendida de semelhante reserva, sahio desesperada, e a colera que manifestou contribuio ainda mais para faze-la parecer culpada aos olhos da Princeza.

D. Pedro entrou immediatamente depois, e achando Constança em huma agitaçaõ que naõ lhe era propria, rogou-lhe da maneira a mais terna, que tomasse cuidado na sua saude. A vida, diz ella, naõ he que póde fazer-me mais feliz, e cuidaria mais nella, se vos amasse menos: porém . . . . naõ pôde acabar. O Principe em extremo afflicto pe-

la perturbaçaõ em que a via, suspirou tristemente sem lhe responder. O seu silencio redobrou a melancolia de Constança, o enfado seguio-a, e fazendo-lhe tudo crêr que era sacrificada, naõ quiz entrar em nenhuma explicaçaõ com o Principe, e deixou-o partir sem dizer-lhe nada.

Constança que estava costumada a abrir livremente o seu coraçaõ a Ignez, julgando entaõ que ella a enganára, abandonou-se de tal modo ao seu desgosto, que esteve a ponto de succumbir-lhe; cahio doente, a sua molestia brevemente se tornou perigosa, e toda a Côrte sentio por extremo esta desgraça. D. Pedro se affligio verdadeiramente; mas Ignez ainda mais do que ninguem. A frieza que Constança lhe mostrára, fazia-a suspirar continuamente, e a sua molestia, cuja causa naõ existia senaõ na sua imaginaçaõ, lhe fazia formar reflexões sobre cada circunstancia que se offerecia á sua memoria. Chegou

a final a reprehender-se de tudo o que a Princeza soffria.

A doença de Constança augmentou-se de maneira, que se receou da sua vida. Ella mesma começou a sentir a aproximaçaõ da morte, mas esta idéa naõ lhe causou algum abalo. Olhou para o fim de seus dias, como unico termo de todos os seus males, e naõ pôde commove-la a desesperaçaõ de todos quantos a cercavaõ.

O Rei que a amava ternamente, e que conhecia a sua virtude, affligio-se extremamente pelo estado terrivel a que a via reduzida, e D. Alvaro, que naõ perdia a minima occasiaõ de fazer-lhe conhecer, que era o ciume quem causava a molestia de Constança, naõ fez senaõ irrita-lo demasiadamente contra huns culpados taõ dignos de compaixaõ.

O Rei naõ tinha caracter de esconder por muito tempo a sua colera. Estais dando bons exemplos, disse elle ao Principe, elles

tornaráõ a vossa memoria bem illustre; a morte de Constança, de que vós só sereis author, he o desgraçado fruto da vossa criminosa paixaõ. Temei a colera do Ceo, e reputai-vos hum monstro, que naõ he digno de vêr a luz do dia. Se a ternura paternal naõ me interessasse por vós, que naõ terieis que recèar do meu justo resentimento? Mas o que naõ deverá tambem esperar da minha colera a imprudente Ignez, a quem nada me liga? Se Constança morre, ella experimentará os effeitos da sua indiscriçaõ, e da audacia que tem de entreter na minha Côrte huma chamma insensata por meio de vãs esperanças, e de nos fazer perder a Princeza a mais amavel, que naõ sois digno de possuir.

D. Pedro sabia muito bem que Constança naõ ignorava a paixaõ que elle tinha por Ignez, mas a doçura com que ella nisso lhe fallára o animava. Foi mui sensivel ás reprehensões do Rei; mas co-

mo o seu erro naõ era voluntario, e que hum poder irresistivel o havia forçado a amar, pareceo ficar confuso, e afflicto. Vós me condemnais, Senhor, respondeo; mas se as minhas intenções vos fossem conhecidas, talvez me naõ acharieis taõ criminoso. Eu naõ quizera outro juiz senaõ a mesma Princeza, que dizeis que eu sacrifico, se ella estivesse em estado de poder ser consultada. Se sou culpado de alguma fraqueza, ella tem sido taõ justa que me naõ tem feito reprehensaõ alguma, e a minha boca jámais fallou nisso a Ignez; mas se eu commetti algum crime, quererieis vós punir huma creatura innocente, que talvez me condemna tanto como vós? Temerario, interrompeo o Rei, ella bem vos tem favorecido. Naõ a terieis amado tanto tempo, se naõ vos houvesse correspondido. Senhor, replicou o Principe penetrado de dôr pelo insulto que se fazia a Ignez, vós offendeis a virtude a mais pura, e he indi-

gno de vós o que a vossa colera vos faz dizer. Nunca recebi favor algum de Ignez , nunca lhe pedi nada, e juro pelo Ceo, que jámais desejei cousa alguma que fosse contraria ao que devo a Constança.

Durante esta conversaçaõ, veio huma das criadas da Princeza toda banhada em lagrimas advertir D. Pedro, que Constança se achava na ultima extremidade. Ide vêr a vossa funesta obra, disse o Rei, naõ espereis mais indulgencia de hum pai ha longo tempo irritado.

O Principe correo ao aposento de Constança, que achou moribunda. Ignez estava desmaiada entre os braços de algumas criadas. A afflicçaõ, e impaciencia de Ignez haviaõ causado estas desgraças; ella naõ havia podido supportar por mais tempo a indifferença da Princeza, e lhe rogára com instancia lhe dissesse qual era o seu crime, e lhe tirasse a vida, ou lhe restituisse a sua amizade.

Constança que via que era for-

çoso morrer, naõ pôde occultar por mais tempo a Ignez a sua secreta dôr. Mostrou-lhe o fatal bilhete que Elvira fizera escrever. Ah! Senhora, bradou a bella Ignez depois de o haver lido, quantas mortificações vos terieis poupado, se me houvesseis franqueado o vosso coraçaõ com a vossa costumada bondade! He bem facil vêr, que esta carta he fingida, e que eu tenho inimigos implacaveis. Credes vós, que o Principe fosse taõ imprudente, que se servisse de huma maõ sem ser a sua em semelhante occasiaõ; e pensais, que se eu fosse capaz de deshonrar-me assim, deixaria subsistir semelhantes provas, e tomaria taõ poucas precauções? Vós naõ sois atraiçoada, nem por mim, nem pelo Principe, pelo Ceo o juro, e por tudo quanto tentei para deixar Coimbra. Ai! minha cara Princeza! como haveis taõ pouco conhecido huma infeliz, a quem tendes mostrado tanta bondade? Naõ julgueis que eu depois de me haver justificado,

possa permanecer no mundo. Naõ; naõ haverá retiro que seja assaz obscuro para mim. Eu tratarei de esconder estes funestos attractivos em algum sitio, aonde naõ possaõ mais causar damno.

A Princeza enternecida pelo discurso, e pelas lagrimas de Ignez, pegou na sua maõ, apertou-a, e fitando nella huns olhares capazes de excitarem piedade nos corações mais insensiveis: Se pude offender-vos, minha cara Ignez, respondeo, a morte que espero, cedo vos vingará. Juro-vos, que jámais cessei de amar-vos. Creio tudo quanto acabais de dizer-me, e amo-vos mais ternamente que nunca.

Foi neste momento, que a dôr de que ambas se achavaõ penetradas, reduzio a Princeza a huma tal extremidade, que mandáraõ buscar D. Pedro. Elle veio, e tambem ficou quasi sem movimento á sua vista. Por maior inclinaçaõ secreta que tivesse a soccorrer Ignez, correo para Constança; esta Princeza sen-

tindo chegar os seus derradeiros momentos pelo suor frio que lhe cobria todo o corpo, fez retirar as pessoas que podiaõ ser-lhe suspeitas, e dirigindo-se a D. Pedro:

Se abandono a vida sem pesar, lhe diz, naõ he sem desgosto que me separo de vós: mas, Principe, he preciso saber vencer-se á borda da sepultura; a mim mesma me esquecerei para inteiramente naõ pensar senaõ em vós. Naõ tenho reprehensões a fazer-vos; bem sei que o amor he quem dispõe dos corações, e naõ a razaõ. Ignez tem bastantes encantos para inspirar a mais violenta paixaõ; he digna pela sua virtude de ser elevada ás maiores grandezas. Ainda huma vez lhe peço perdaõ da injustiça que lhe fiz, e vo-la recommendo como a pessoa que me he mais cara. Promettei-me, Principe, antes que eu expire, que lhe dareis o meu lugar sobre o throno, elle naõ póde ser mais bem preenchido. Vós naõ podeis escolher huma Princeza mais

digna de reinar sobre os nossos povos, nem melhor mãi para nossos filhos: E vós, minha querida, e fiel Ignez, proseguio Constança, naõ escuteis huma virtude demasiadamente escrupulosa, que queira oppôr-se aos desejos do Principe de Portugal: naõ lhe recuseis hum coraçaõ de que elle he digno, e concedei-lhe essa amizade que me tendes, com a que he devida ao seu merecimento: velai no meu filho Fernando, e nas duas jovens Princezas; que me achem em vós, e fallai-lhes em mim algumas vezes: adeos, vivei ambos ditosos, e recebei os meus derradeiros abraços.

Ignez opprimida de dôr, tinha recobrado hum pouco os sentidos. Estas ultimas palavras fizeraõ-na recahir segunda vez em deliquio: este desmaio foi seguido de convulsões taõ violentas, que a julgáraõ em perigo de vida: mas D. Pedro naõ se afastou nunca de Constança. Que! Senhora, diz elle, podeis vós pensar, que a vossa morte

possa fazer a minha ventura? Ah! Constança, se o meu coraçaõ pôde offender-vos, assaz se tem vingado de mim a vossa virtude a pesar de vós mesma. Suppondes-me taõ barbaro?... Como continuasse a fallar, percebeo que a morte cerrava os olhos da mais generosa Princeza que nunca existio, e esteve em termos de acompanha-la á sepultura.

De que dôr naõ se apossou Ignez, quando restabelecida do seu desmaio, soube que acabava de expirar Constança! Quizera ella arrancar-se a vida, e entregou-se inteiramente á sua desesperaçaõ.

Apenas se divulgou o boato da morte da Princeza, ficáraõ em pranto a Cidade, e a Côrte. Elvira, que vio que D. Pedro estava entaõ livre para poder formar novos laços, arrependeo-se de haver contribuido para a morte de Constança; e pensando que fora a causa della, naõ podia perdoa-la a si mesma.

Foi necessario vigiar Ignez durante varios dias. Ella naõ cessou

de chorar, e o Principe estêve outro tanto tempo na mais profunda tristeza; mas logo que os primeiros movimentos da sua magoa se desvanecêraõ, os do amor, que sentio de novo para com Ignez, lhe fizeraõ vêr que elle era ainda o mesmo. Esteve muito tempo sem a vêr; mas esta ausencia naõ servio senaõ de fazer-lha achar ainda mais bella quando tornou a vê-la.

D. Alvaro assustado por vêr o Principe livre de todas as prisões; fez novos esforços junto de Ignez de Castro, que estava entaõ unicamente occupada da sua magoa. Elvira, que desejava levar ávante o intento que formára, empregou toda a arte de que as mulheres saõ capazes, para fazer reviver o amor em que o Principe havia outr'ora por ella ardido: mas só Ignez reinava sobre o seu coraçaõ. Esta encantadora creatura havia formado a invariavel resoluçaõ de passar o resto de seus dias em hum ermo retiro. Mas a pesar da precauçaõ que

tomou de escondér o seu designio, veio o Principe a sabe-lo, e fez tudo quanto pôde para supportar esse golpe com firmeza. Julgou-se com mais força do que com effeito tinha, e depois de haver consultado o seu coraçaõ, sentio bastante quanto a presença de Ignez lhe era necessaria. Senhora, lhe diz elle suspirando, e com os olhos banhados de lagrimas, que crime tenho commettido para vos fazer decretar a minha morte? Ainda que naõ vos haja nunca dito quanto vos amo, estou todavia persuadido que naõ o ignorais. Fui obrigado por alguns annos a guardar silencio em attençaõ a vós, a Constança, e a mim mesmo: mas naõ me he possivel calar-me ainda mais tempo. He preciso que vos diga em fim tudo o que sinto. Naõ desprezeis os protestos do mais terno, e mais respeitoso amor. Eu quizera que a offerta do throno pudesse lisonjear-vos. A mais brilhante fortuna naõ poderia interessar-me, senaõ participando vós della.

Ignez naõ respondeo ao principio a estas palavras senaõ com hum diluvio de lagrimas. Depois de ha-ve-las enxugado, olhou para D. Pedro com hum ar, que lhe fez facilmente comprehender que naõ approvava o que acabava de ouvir. Se eu fosse capaz, diz ella, da fraqueza que quereis inspirar-me, serieis obrigado a castigar-me disso. O que? jaz apenas Constança na sepultura, e já vós quereis que a offenda? Naõ, Principe, proseguio com mais doçura, aquella que haveis accumulado de tantos favores naõ attrahirá sobre si a colera do Ceo, nem o desprezo dos homens por huma acçaõ taõ torpe. Naõ vos obstineis pois em hum designio, que eu jámais approvarei. Vós deveis a Constança depois da sua morte huma fidelidade que possa justificar-vos, e da minha parte devo evitar a vossa presença, para reparar, se he possivel, os males que lhe fiz soffrer. Ide, Senhora, respondeo o Principe mudando de sem-

blante, ide esperar a noticia da minha morte lá nessa parte do mundo, aonde a vossa crueldade vos conduzir. Naõ a esperareis por muito tempo, pois irei procura-la no seio dos combates que se daõ entre os povos que rodeaõ este Reino.

Estas ultimas palavras fizeraõ sentir á Ignez, que o seu coraçaõ naõ estava taõ isento de fraqueza como suppunha, e que se interessava mais do que pensava na vida de D. Pedro. Deveis conservar os vossos dias, replicou Ignez, por amor do Principe, e das Princezas que Constança vos deixou. Quererieis, proseguio ella com ternura, abandonar a sua mocidade á crueldade de D. Alvaro? Vivei, Principe, vivei, e deixai que só a desditosa Ignez seja sacrificada. Ah! cruel, interrompe D. Pedro, podeis ordenar-me que viva, sem ser para vós? He isto hum effeito do vosso odio? Naõ, replicou Ignez, eu naõ vos odeio, e oxalá que pudesse defender-me da fraqueza que

sinto ! Naõ me obrigueis a dizer mais ; mas considerai que quanto menos indifferença sinto por vós, mais culpada me acho, e que naõ devo mais vêr-vos, nem fallar-vos. Em fim, Principe, se vos oppondes ao meu retiro, declaro-vos que por mais odioso que me seja D. Alvaro, servirá para defender-me de vós, e que consentirei antes em desposar hum homem que aborreço, do que favorecer huma paixaõ que custa a vida a Constança. Pois bem, Ignez, tornou o Principe com huns olhos aonde a languidez estava pintada, seguí os movimentos que vos inspira a vossa barbara virtude, tomai as medidas que julgardes necessarias contra hum amante infeliz, e gozai da gloria de me haverdes rejeitado com tamanha crueldade. Dito isto foi-se, e Ignez estava taõ perturbada, que naõ se achou em estado de sustelo. O seu animo oppunha-se á sua ternura ; ella sentio entaõ, que era mais necessaria que nunca a sua separaçaõ.

Era-lhe difficil sahir de Coimbra, e ao mesmo tempo naõ differir o que julgava taõ indispensavel. Foi immediatamente ter com o Rei. Este Monarca recebeo-a com hum ar severo, naõ querendo consentir no que ella tinha a pedirlhe. Naõ partireis, diz elle, e se sois discreta, gozareis aqui com D. Alvaro da minha amizade, e do meu favor. Tenho tomado outra deliberaçaõ, replicou Ignez, e o mundo naõ tem nisso parte alguma. Acceitarieis sem dúvida D. Pedro, replicou o Rei? o brilhantismo do seu nascimento basta para satisfazer huma mulher ambiciosa; mas vós naõ succedereis a Constança que vos amava taõ ternamente, e a Hespanha tem bastantes Princezas para occuparem com elle o throno que lhe deixarei. Senhor, respondeo Ignez escandalisada por aquelle discurso, se eu tivesse alguma propensaõ para o amor, e se tivesse desejo de me casar, seria talvez o Principe o unico sobre quem qui-

zesse lançar os olhos. Vós sabeis se os meus antepassados possuíraõ Corôas, e se eraõ dignos de as cingirem. Mas sem demorar-me nessas frivolas vantagens, estou resolvida a partir, e a naõ permanecer por mais tempo escrava em hum palacio aonde cheguei livre.

Esta orgulhosa resposta que deixava vêr o caracter de Ignez, irritou, e surprehendeo o Rei: Vós partireis, diz elle, quando mui bem me parecer, e sem ser escrava em Coimbra, aqui aguardareis as minhas ordens.

Ignez vio a necessidade em que estava de ficar, e ficou por isso taõ afflicta, que naõ sahio durante alguns dias, sem com tudo ousar informar-se do Principe. Este recolhimento lhe poupou a magoa de receber D. Alvaro.

Neste espaço de tempo cahio doente D. Pedro, e chegou a tamanho perigo, que se temeo a sua morte. Ignez naõ duvidou que fosse hum effeito da sua magoa. Pa-

receo-lhe ao principio ter assaz força, e animo para deixa-lo morrer antes do que ceder aos seus desejos: mas quando examinou o seu coraçaõ, ficou logo convencida do contrario. Naõ achou já essa cruel firmeza que alli julgava taõ arraigada; sentio abalo, e inquietaçaõ, derramou lagrimas, fez promessas; e percebeo em fim que amava o Principe.

Era impossivel vêr hum taõ digno herdeiro da Corôa a ponto de morrer, sem que o seu estado causasse huma afflicçaõ universal. O povo que o amava, passava todos os dias á porta do palacio para saber noticias suas, e toda a Côrte estava abysmada na mais profunda dôr.

D. Alvaro occultava a sua alegria debaixo da apparencia da tristeza. Elvira, cheia da sua paixaõ, e talvez agitada pelos seus remorsos, soffria muito por causa do perigo do Principe. O Rei, posto que condemnasse o amor de seu filho, sem-

pre sentia por elle ternura, e naõ podia resolver-se a perde-lo. Ignez, que sabia a causa da molestia de D. Pedro, estava em huma cruel situaçaõ, e esperava o fim de seus dias com o mais terrivel desassocego. Passado hum mez em fim de receios, e consumições, começáraõ a esperar a sua cura. O Principe, e D. Alvaro foraõ as unicas pessoas que naõ mostráraõ por isso alegria alguma; porém Ignez a sentio vivissima.

D. Pedro vendo que era forçoso viver a seu pesar, naõ tratou mais do que de passar seus dias na tristeza. Mal se vio em estado de sahir, procurou os lugares mais solitarios, e soube taõ bem domar a sua fraqueza, que hia sempre aonde sabia que naõ estaria Ignez; mas a sua imagem seguia-o por toda a parte, e a sua memoria fiel em representar-lhe todos os seus encantos, sempre lha tornava perigosa.

Hum dia em que elle estava no

jardim, procurou hum labyrintho que havia no sitio mais retirado, para alli esconder por algumas horas a sua magoa. Alli achou a desconsolada Ignez, cuja pena pouco differente da sua a havia conduzido ao mesmo lugar. A sua vista, que elle naõ esperava, fe-lo tremer. Ella vio pela mudança do seu rosto, que D. Pedro naõ estava ainda restabelecido inteiramente. Seus languidos olhos perturbáraõ-na, e posto que o seu primeiro movimento fosse fugir, hum poder desconhecido a conteve, e foi-lhe impossivel resistir-lhe.

Depois de alguns momentos de silencio, que naõ eraõ interrompidos senaõ por suspiros, levantou-se D. Pedro do lugar aonde a sua fraqueza o havia forçado a assentar-se, fez vêr a Ignez, chegando-se a ella, as tristes provas de tudo quanto havia soffrido, e naõ se contentando com a piedade que ella lhe deixava vêr nos seus olhos: Tendes pois resolvido a minha mor-

te, cruel Ignez, lhe diz elle? Eu a desejava tanto como vós, mas o Ceo me reservou para outros infortunios, e vedes-me ainda taõ infeliz, porém mais possuido que nunca do amor que me haveis inspirado.

O Principe naõ tinha precisaõ deste discurso para attrahir a compaixaõ de Ignez. A languidez de seus olhos assaz fallava, e o seu coraçaõ estava mui disposto a seu favor: ella suppôz entaõ que Constança devia estar satisfeita. O amor que combatia a pró de D. Pedro, triunfou da amizade, e achou esse feliz momento, pelo qual o Principe de Portugal havia desde tanto tempo suspirado.

Naõ me lanceis em rosto huma crueldade, que me tem custado ainda mais do que a vós, responde Ignez, e naõ accuseis hum coraçaõ que naõ he ingrato, nem barbaro; confesso-vos que vos amo, mas além desta declaraçaõ, que mais podeis pedir-me ainda?

D. Pedro, que naõ esperava huma mudança taõ favoravel, sentio duplicada satisfaçaõ, e lançando-se aos pés de Ignez, exprimio muito melhor com o seu silencio a sua paixaõ, do que o faria com o mais eloquente discurso.

D. Pedro, certo da sua ventura, deo parte á amavel Ignez de quanto tinha a recear do Rei. Elles concluíraõ, que o fatal bilhete que havia abreviado os dias de Constança, naõ podia ser senaõ de Elvira, e de D. Alvaro. O Principe que sabia que seu Pai havia já tentado tornar a casa-lo, e tinha resolvido fazer que Ignez desposasse o seu favorito, rogou-lhe taõ ternamente, que prevenisse as suas perseguições, consentindo em hum casamento secreto, que depois de haver bastante tempo reflectido nisso, cedeo ás instancias de D. Pedro. Farei o que quizerdes, diz ella, posto que naõ preveja senaõ desgraças; todo o meu sangue se gela, quando penso nesta uniaõ, e a

imagem de Constança parece desviar-me de conclui-la.

O amoroso Principe venceo todos os seus escrupulos, e deixou-a com tamanha satisfaçaõ, que brevemente restabeleceo as suas forças. Vio-a depois com o prazer do mysterio, e chegado o dia que haviaõ destinado para o seu casamento, D. Gil, Bispo da Guarda, fez a ceremonia em presença de testemunhas fieis a D. Pedro, que se vio por esse meio possuidor de todos os encantos da amavel Ignez.

Nem ainda assim ficou ella mais tranquilla: os seus inimigos, que naõ cessavaõ de persegui-la, causáraõ-lhe desgostos sem número. O Rei, a quem a sua repulsa havia irritado, ordenou-lhe que desposasse D. Alvaro, e ameaçou-a de força-la a isso, se continuasse a resistir-lhe.

O Principe tomou altamente o partido de Ignez. Esta ousadia junta á resistencia que elle fazia a casar com a Princeza de Aragaõ, fez suspeitar a verdade ao Rei seu Pai.

Este Monarca foi ajudado nas suas pesquizas por quem muito se interessava nisso, para naõ descobrir aquelle mysterio. Alvaro, e sua irmã fizeraõ tanta diligencia, já com presentes, já com promessas, que descobríraõ em fim os secrétos laços de D. Pedro, e de Ignez.

Pouco faltou que o Rei naõ désse mostras de toda raiva, e furor que huma tamanha temeridade podia inspirar-lhe contra Ignez.

D. Alvaro, cujo amor se havia mudado no mais temivel odio, aplacou os primeiros transportes do Rei, fazendo-lhe comprehender que se se contentasse com dissolver o seu matrimonio, naõ seria sufficiente a sua vingança. Azedou o coraçaõ do Rei a ponto de faze-lo consentir na morte de Ignez. O cruel D. Alvaro offereceo o seu braço para esta horrorosa execuçaõ, e o seu furor respondeo por elle neste sacrificio.

O Rei que suppunha a gloria do throno manchada com aquella

aliança, e a sua propria compromettida pelo procedimento de seu Filho, deo pleno poder áquelle assassino para tornar a innocente Ignez victima da sua raiva.

Naõ era facil de executar este horrivel projecto. Ainda que o Principe naõ visse Ignez senaõ em segredo, vigiava-a todavia continuamente, e passou-se mais de hum anno depois do seu casamento, antes de D. Alvaro poder achar a occasiaõ que procurava havia tanto tempo.

O Principe divertia-se pouco, e raras vezes se afastava de Coimbra; mas hum dia malfadado, e marcado pelo Ceo para hum assassinio inaudito, fez huma partida de caça a huma casa, que o Rei de Portugal tinha perto da Cidade.

Gostava Ignez de tudo o que podia dar alguma satisfaçaõ ao Principe; mas huma perturbaçaõ secreta lhe fez temer algum desastre naquelle infeliz dia. Principe, lhe diz ella com hum abalo, cujo motivo

naõ podia penetrar, estremeço quando hoje vos vejo, como se fosse o ultimo dos meus dias. Conservaivos, meu querido Principe, e ainda que naõ estejais exposto a perigo algum, os crueis presagios que me agitaõ, fazem-me temer tudo por vós. D. Pedro, que nunca a achára taõ bella, abraçou-a varias vezes, e sahio do palacio com o designio de naõ voltar senaõ no dia seguinte.

Apenas havia partido preparouse o cruel D. Alvaro para pôr em execuçaõ o que tinha resolvido. Julgou que era importante para elle o empregar mais outras mãos além da sua, e escolheo para complices do seu attentado Diogo Lopes Pacheco, e Pedro Coelho, monstros mui semelhantes a elle, e de cuja crueldade se havia certificado por meio dos presentes que lhes fizera.

Esperáraõ pois pela entrada da noite, e estava a amavel Ignez nos primeiros instantes de hum somno

que devia ser o derradeiro da sua vida, quando aquelles assassinos se chegáraõ ao seu leito. Nada resistio a D. Alvaro. As negras furias o introduzíraõ em casa de Ignez; ella acordou, e abrindo as cortinas, vio á claridade da luz que estava no seu aposento, o punhal com que D. Alvaro estava armado. Como elle naõ tinha o rosto coberto, facilmente o conheceo, e esquecendo-se de si mesma naquelle horroroso momento, para naõ pensar senaõ no Principe: Justo Ceo, diz ella elevando seus bellos olhos, se he Constança que quereis vingar, contentai-vos com o meu sangue, e poupai o de D. Pedro. O cruel Alvaro que a ouvio, naõ lhe deo tempo de dizer mais, e vendo que naõ pudéra enternecer o coraçaõ de Ignez com os protestos do seu amor, cravou-lhe o seu punhal no seio. Os seus complices tambem lhe deraõ varios golpes, e puzeraõ termo a huma vida taõ desditosa como innocente.

Que triste espectaculo para aquelles que se chegáraõ ao seu leito no dia seguinte! e que horrorosa noticia para o infeliz Principe de Portugal! Immediatamente a soube, voltou para Coimbra, e cuidou morrer repentinamente. Depois de haver abraçado mil vezes o corpo ensanguentado de Ignez, e dito tudo quanto huma justa desesperaçaõ pôde inspirar-lhe, correo ao palacio como hum insensato; perguntava em altos gritos pelos assassinos de Ignez, proferindo palavras mal articuladas, e sem seguimento.

Vio em fim o Rei, e sem guardar nenhum respeito, deo livre desafogo ao seu resentimento: depois de haver exhalado o seu furor, e a sua raiva, opprimido de dôr, cahio n'hum deliquio que durou todo o dia; leváraõ-no para o seu aposento, e o Rei julgando que aquella desgraça o curaria, naõ se arrependeo do que havia permittido.

D. Alvaro, e os outros dous as-

sassinos abandonáraõ Coimbra. A sua ausencia provou que eraõ culpados do crime que fazia a desventura de D. Pedro. Este Principe jurou á alma da amavel Ignez huma prompta vingança, resolvido como estava a perseguir os seus infames algozes, até aos lugares mais remotos. Reunio hum número consideravel de tropas capaz de resistir ao mesmo Rei de Portugal, se ainda tomasse o partido de D. Alvaro, assolou com ellas todo o paiz até ao Douro, e fez guerra até á morte do Rei, misturando continuamente as suas lagrimas com o sangue que derramou para vingar a sua querida Ignez.

Tal foi o fim deploravel do malfadado amor de D. Pedro de Portugal, e de D. Ignez de Castro. Este Principe guardou facilmente no seu coraçaõ a lembrança desta infeliz Princeza até ao throno, aonde subio por direito de successaõ depois da morte do Rei.

F I M.

Livros que se vendem em casa de Rolland, *Rua Nova dos Martyres, N.* 10.

Alberto, ou o Deserto de Strathnavern, em 8. 3 Vol.

Adriana, ou Historia da Marqueza de Brianville, em 8. 3 Vol.

Arsace, e Ismenia, Novella de Montesquieu, em 8.

Amelia, ou os desgraçados Effeitos da extrema Sensibilidade, Anecdota Ingleza, em 8.

Amanda e Oscar, ou Historia da Familia de Dunreath, em 8. 6 Vol.

Anna Grenwil, Conto Hiſtorico, pelo Author de *Celeſtina, ou os Eſpoſos ſem o ſerem*, em 8. 3 Vol.

Adelia de Senange, em 8.

Apologos, e Contos Orientaes: huns para rir, e outros para chorar, em 12.

Alzira, ou os Americanos, Tragedia de Voltaire, em 8.

Atreo, e Thyestes, Tragedia de Crebillon, em 8.

Avarento, Comedia de Moliere, em 8.

Belizario, por Marmontel, em 8.

Contos Moraes, em 8.

Carlos, e Maria, em 8.

Caravançara, ou Collecçaõ de Contos Orientaes, em 8.

Carta de Guia de Casados, por D. Francisco Manoel, nova ediçaõ, em 8.

Cecilia de Chatenai, ou o Poder, e os Encantos da Harmonia, em 8. 2 Vol.
Choupana India, em 12.
Collecçaõ de Historias, Anecdotas, Factos, Fabulas, Dialogos, Cartas, e Dramas, em 8. 3 Vol.
Cid, Tragedia de Corneille, em 8.
Cartas sobre as Modas, em 8.
Collecçaõ de Peças importantes, em 8. 2 Vol.
Duas Desposadas, em 8. 4 Vol.
Dois Infelizes, em 8. 4 Vol.
Deaõ de Killerine, ou Memorias do Conde de ***, em 8. 6 Vol.
Desgraças da Inconstancia, em 12. 2 Vol.
Dous Amigos, Comedia de Beaumarchais, em 8.
Evarifto e Theodora, ou o Caftello de Cloftern, em 8. 4 Vol.
Emilia de Tourville, ou os meus sete annos de perseguiçaõ, em 8. 2 Vol.
Emilia, e Affonso, em 8. 2 Vol.
Etelvina, ou Historia da Baroneza de Castle-Acre, em 8. 3 Vol.
Emma, ou a filha do desgosto, em 12. 2 Vol.
Elisabeth, ou os Desterrados da Siberia, em 8.
Escolha de Anecdotas, em 8.
Escolha das melhores Novellas, e Contos Moraes, escritos por Marmontel, em 8. 8 Vol.

Factos Memoraveis da Historia de Portugal, com seis estampas, em 8.
Fabulas de Esopo, em 8.
Filosofa por amor, em 12. 2 Vol.
Gonçalo de Cordova por Florian, em 8. 2 Vol.
Historia da Virtuosa Portugueza, em 8.
Historia galante do Joven Siciliano, em 8. 4 Vol.
Historia da Virtuosa, e Infeliz Clara Harlowe, em 8. 15 Vol.
Historia do Conde de Comminge, em 8.
Historia de Hypolito, Conde de Duglas, em 8. 2. Vol.
Isidoro, e Horaida, ou os Prisioneiros da Montanha, em 8. 4 Vol.
Irma, ou as Desgraças de huma joven Orfã, Historia India, em 8. 4 Vol.
Joanninha, ou a Engeitada Generosa, em 8. 2 Vol.
Jogador, Comedia de Regnard, em 8.
Luiza, ou a Cabana no Deserto, traduzida em Portuguez, em 8.
Maria, ou a Filha da desgraça, em 8.
Memorias, ou Anecdotas Curiosas, e Instructivas, em 8.
Mathilde de Edmonville, em 8. 2 Vol.
Maclovia e Frederico, ou as Minas do Tirol, em 8.
Mulher feliz, dependente do mundo, e da fortuna, em 8. 3 Vol.
Mil e hum quarto de hora, em 12. 3 Vol.

Marilia de Dirceo, nova ediçaõ, em 12.
Miscellanea Curiosa, em 8. 7 Vol.
Noites d'Young, em 8. 2 Vol.
Noites Romanas, em 8. 2 Vol.
Nova Guia da Converſaçaõ, em Portuguez, e Francez, dividida em tres partes, em 8.
Novellas Novas de Florian, traduzidas em Portuguez, em 8.
Paulo, e Virginia, em 8.
Pai de Familia, Comedia de Diderot, em 8.
D. Quixote de la Mancha, em 8. 6 Vol.
Saint Clair das Ilhas, ou os Desterrados na Ilha de Barra, em 8. 3 Vol.
Sybaritas, ou os Subterraneos de Piombino, em 8. 2 Vol.
Solitario, pelo Marquez d'Arlincourt, em 8. 2 Vol.
Thesouro de Adultas, em 8. 4 Vol.
Ulisséa, ou Lisboa Edificada, Poema de Gabriel Pereira de Castro, nova ediçaõ, em 8.
Vida, e Aventuras admiraveis de Robinſon Cruſoé, em 12. 2 Vol.
Vida de Marianna, ou as Aventuras da Condessa de T . . ., em 12. 4 Vol.
Victor, ou o Menino da Selva, em 12. 4 Vol.
Viagens de Gulliver, em 8. 3 Vol.
Vida, e Perseguiçóes de Frederico, Baraõ de Trenck, em 8. 2 Vol.
Viagens de Antenor, em 8. 6 Vol.